

## MÃO-DE-LUVA E OS PRIMÓRDIOS DE NOVA FRIBURGO

No passado o Rio de Janeiro era assolado por quadrilhas de assaltantes. Com efeito, em fins do século XVIII muitos dos caminhos que iam para as Minas Gerais eram freqüentemente dominados por bandos de meliantes que assaltavam os tropeiros e roubavam ouro e mantimentos. Dentre esses, nenhum possuiu história tão cheia de feitos românticos quanto “Mão-de-Luva”.

Pouco se sabe dele. Seu nome era Manuel Henriques, era português e não possuía uma das mãos, defeito que encobria com uma luva de couro. Alguns afirmam que ele era um importante nobre da Côrte, o Conde de Santo Tirso!

Contam os romancistas que ele fora um amante da princesa, futura Rainha D. Maria I e, que por ter sido pego com a mão onde não devia, perdeu-a para o carrasco.

Desterrado para o Rio de Janeiro no terceiro quartel do século XVIII, viajou para Minas Gerais, formou um grupo de aventureiros e atravessou o rio Paraíba por Porto Velho do Cunha, indo se estabelecer nas vertentes dos rios Macabú, Negro e Grande, no lugar onde está hoje a Usina de Cantagalo. Manteve relações de amizade com os índios coroados e goitacazes, que passaram a informá-lo da passagem de tropeiros carregados de ouro por aquela região. Mão-de-Luva começou por atacá-los, mas logo se associou a outro contrabandista, Maurício, e passaram também não só a contrabandear ouro, como a fisciá-lo eles próprios nos riachos, tendo sido formado por eles um povoado que chegou a possuir cerca de 200 habitantes em 1784, inclusive mulheres e crianças ali nascidas.

O Vice-Rei D. Luís de Vasconcellos e Souza passou a persegui-lo tenazmente. Dentre os oficiais destacados para capturá-lo estava um altivo alferes mineiro, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que patrulhou aqueles lugares de 1781 a 85 sem lograr sucesso. Nosso herói acabou por concluir que os maiores ladrões estavam sim no governo do Brasil, abrindo caminho para sua participação na Conjuração Mineira.

Mas isso é uma outra história. Voltemos ao Mão-de-Luva.

Traído por um companheiro, o Vice Rei obteve informações sobre o bando, tendo conseguido inclusive infiltrar espões no grupo, os quais obtiveram informações vitais para a investigação. Em fins de 1785 foi encarregado da captura o Sargento Mór São Martinho, mas a busca não obteve sucesso. Quando já se retirava para o Rio, a tropa ouviu o cantar de um galo. Seguindo a pista, chegaram ao bando e prenderam a todos e seus líderes Mão-de-Luva e Maurício. Sendo os dois sentenciados no Juízo da Intendência Geral do Ouro do Rio de Janeiro e deportados para Portugal.

As terras foram divididas, sendo um dos beneficiados Lourenço Correia Dias, com a sesmaria denominada “Morro Queimado”, depois transformada em fazenda quando foi vendida ao Monsenhor Almeida. Morro Queimado pertencia ao distrito de Cantagalo, assim poeticamente batizado devido ao episódio acima descrito quando da captura da quadrilha de contrabandistas.

No ano de 1810 o Príncipe D. João concordou com as exigências inglesas e se comprometeu a extinguir o tráfico de escravos e estimular a imigração de colonos livres. Sete anos depois, a 11 de fevereiro de 1817, ele recebeu carta do Presidente da Confederação Suíça e, respondendo a 2 de maio de 1818, anuiu favoravelmente à solicitação que nela se fazia por parte do Cantão de Friburgo para estabelecimento de algumas famílias suíças no Brasil e para tal lhes concederia porção de terreno e outras vantagens. Em 5 de maio de 1818, assinava Sebastião Nicolau Gachet o contrato, obrigando-se a transportar e manter durante a viagem de sua pátria até o Rio, cem famílias de colonos suíços com seus móveis e instrumentos agrícolas. Resolvida a localização dos

suiços na Fazenda do Morro Queimado, do distrito de Cantagalo, D. João enviou ao Desembargador do Paço Real, Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiro, carta régia de 6 de maio de 1818, autorizando-o a comprar de Monsenhor Almeida as terras escolhidas, bem como outras que necessárias fossem para o fim desejado, organização da Real Fazenda, e nomeando-o inspetor da Colônia para seu arranjo e repartição de terras e boa direção.

Vieram cem famílias católicas que foram instaladas no começo de 1819, na Real Fazenda de Morro Queimado. Esta se compunha de quatro sesmarias. Aí foram construídas casas, capela, armazém, quartéis e outras acomodações. As condições para o estabelecimento da Colônia foram aprovadas por decreto de 16 de maio de 1818, quando, também, foi designado para esse fim o distrito de Cantagalo.

Alguns historiadores contam que faltou aos membros da organização um certo método, assim como outros agentes atuaram de má fé, pois os imigrantes não foram selecionados na origem. Vieram 2.006 colonos constituindo 261 famílias ou quase o triplo do que se havia convencionado, fora os 300 e tantos que pereceram no trajeto, assim como também veio gente de fora de Friburgo e alguns de outros países da Europa. É que, aos 783 friburguenses se incorporaram 300 dos cantões de Vaux e de Valais, sendo em Soleure e Basileia ainda mais acrescidos, e mesmo duplicados, com a chegada dos emigrados de Soleure e Lucerne, onde parece não ter havido os mesmos cuidados na seleção. Muitos estavam já doentes e 35 morreram em Macacu. Por sua vez, o solo doado, muito íngreme, revelou-se impróprio para o cultivo do café, passando então a se desenvolver a policultura. Os sobreviventes fincaram raízes e deixaram ilustre descendência.

São eles os Tardin, os Garchet, os Stutz, os Cuty, os Bard, os Musy, os Muller, os Studer e tantos outros da primeira leva e das demais, onde entre muitos os Salusse, Meyer, Haggedom, Lemgruber, Monnerat, Lutterbach, Sauerbronn, Van Erven, Leuenroth, Engert, Thuler, Emerech, Wermelinger, Erthal e Braune enraízam-se pelos “Sertões do Leste”, incorporando-se à civilização serrana.

Com os imigrantes aqui aportaram os abades Jacob Joye e Selby. O abade Joye foi vigário da freguesia de 1820 a 1863. Em 3 de janeiro de 1820, a Colônia, graças ao rápido desenvolvimento, foi desmembrada do distrito de Cantagalo, sendo criada, por alvará, a Freguesia de São João Batista e, ao mesmo tempo, recebeu o predicado de Vila Nova Friburgo, daí ser considerada essa data a da criação do Município. O povoado fez a inauguração oficial da Vila em 17 de abril do mesmo ano. Em 1823, a Vila recebeu o reforço de uma leva de imigrantes alemães, chegados apenas a 9 de maio de 1824. Sua população foi crescendo com imigrantes de Suíça e de várias origens nos anos posteriores: italianos, portugueses, sírios, etc. Em 1831, atendendo ao progresso constante da Colônia, o Governo da Regência Trina extinguiu a administração direta, transferindo a Intendência da Vila para uma Câmara de Vereadores.

A Vila foi elevada à Cidade pelo decreto de 8 de janeiro de 1890.

Muito mais se teria a contar, mas fica para uma outra oportunidade.

Milton de Mendonça Teixeira, professor de história da Universidade Gama Filho e da PROTUR - Escola Técnica de Turismo.